



Terramoto de 1755: Um abalo material, religioso e intelectual

Trabalho da disciplina de História Moderna de Portugal, regida pela Prof.^a Ana Leal Faria

Filipe Paiva Cardoso

Nº 48782

Lisboa, Maio de 2014

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	Pg. 3
O ANO DO TERRAMOTO	Pg. 4
A economia em 1755	Pg. 5
Ao Primeiro de Novembro de 1755, Sábado	Pg. 6
Vítimas, réplicas, destruição e impactos	Pg. 9
ORGANIZAÇÃO IMEDIATA DA CIDADE	Pg. 11
Uma cidade de barracas	Pg. 14
Ajudas internacionais	Pg. 15
O TERRAMOTO VISTO PELA RELIGIÃO E LITERATURA	Pg. 16
O olhar protestante e a <i>real politik</i>	Pg. 18
A República das Letras e o optimismo	Pg. 20
CONCLUSÃO	Pg. 23
ANEXO – SLIDES USADOS NA APRESENTAÇÃO	Pg. 25
BIBLIOGRAFIA	Pg. 30

1) Introdução.

O terramoto de 1755 é um dos momentos mais marcantes da história moderna portuguesa. O seu impacto ainda hoje é sentido pelos lisboetas de formas que os próprios desconhecem e nem falamos sequer dos sinais da reconstrução e do redesenho da cidade mas sim dos reflexos do terramoto que hoje ainda se fazem notar na vivência na cidade. Os lisboetas têm bem à sua frente ou sob os seus pés o terramoto daquele 1 de Novembro: seja na calçada que pisam, cuja ideia surgiu depois dos abalos para aproveitar os escombros da cidade, seja no simples hábito de ir ao café, cuja origem remonta à imposição de uma maior socialização entre lisboetas depois do terramoto, condenados a viver em campos de refugiados, repletos de barracas com várias famílias. Lisboa, em parte, ainda hoje vive no rescaldo daquele 1 de Novembro.

Mais do que as destruição e reconstrução da cidade, vamos procurar abordar o impacto do terramoto a nível pessoal, religioso e intelectual, viajando desde o instinto de sobrevivência que levou muitos a deixarem filhos para trás para se salvarem a si próprios, às reacções de inúmeros profetas da desgraça que, do clero regular ao Papa, atribuíram o desastre à Ira Divina. No campo religioso ainda olharemos para os culpados apontados pelos diferentes credos, numa viagem que nos levará igualmente para o centro da ‘diplomacia’ europeia em ambiente pré-Guerra dos Sete Anos. Por fim, cruzaremos as diferentes reacções das correntes intelectuais então em voga, onde encontraremos Voltaire, Leibniz, Rousseau e mesmo Goethe a discutir o terramoto de Lisboa. Também encontraremos D. José I e o Papa como adeptos da filosofia a que Voltaire rotulou de “*tudo está bem*”, ainda que transfigurado num agradecimento a Deus pelos que não levou a 1 de Novembro de 1755.

No *dies irae* que assolou Lisboa, Terra, Água, Fogo e Ar uniram-se para lançar um ataque sem paralelo à cidade. Primeiro, o terramoto; depois, maremoto; por fim um incêndio empurrado por um vento de Norte que surgiu depois dos abalos. Não estivessem reunidas condições suficientes para este ser um desastre épico e Lisboa contava ainda com os seus armazéns cheios na hora do terramoto, acabados de carregar com mercadoria de três frotas e outros três navios da Índia. Tudo destruído em minutos.

Este foi um terramoto que se fez sentir com intensidade em toda a Península Ibérica, mas tendo Madrid passado sem danos de maior, coube a Lisboa dar nome ao terramoto de 8.7 na escala de Richter. A centralidade política, institucional e económica da capital do Reino, concentrando a maioria da actividade económica, instituições eclesiásticas e das elites aristocráticas, e o grau de destruição a que a cidade ficou condenada, ditaram a associação automática entre 1755 e Lisboa. No entanto, mesmo que brevemente, convém não esquecer que, de Setúbal ao Algarve, muitas outras populações sofreram gravemente a 1 de Novembro. Em Setúbal terão morrido cerca de 1000 pessoas, ficando destruídos grande parte dos edifícios, e no Algarve não houve povoação que tenha escapado – Lagos, Portimão e Faro sofreram mais com o maremoto do que com o terramoto. Também na Galiza e Andaluzia há relatos de vítimas e danos materiais.

2) O ano do terramoto.

Portugal entrou em 1755 de forma igual a tantos outros anos. À excepção da morte de Maria Ana de Áustria, mãe de D. José I, o ano de 1754 tinha sido de relativa banalidade. O novo ano prometia mais do mesmo: Em Janeiro saía de Lisboa um comboio de Navios em direcção ao porto de São Sebastião, Rio de Janeiro, e do lado das chegadas, nesse mesmo mês, havia navios ingleses, holandeses, franceses e dinamarqueses no porto de Lisboa com trigo, cevada, carnes, manteiga, queijos ou milho. Por curiosidade, o comboio português voltaria a Lisboa a 1 de Setembro, demorando assim oito meses para uma ida e volta completa ao Brasil.

Um dos pontos altos do ano na cidade viveu-se em Abril, com a inauguração da Real Casa da Ópera, que abriu para uma representação de *Alessandro nell'Indie*, de Metastasio e Perez. “A corte em peso, o corpo diplomático e toda a gente grada de Lisboa” fez questão de marcar presença na estreia desta sala de colunas brancas e dourados, com capacidade para 500 lugares e 38 camarotes¹. A Ópera, aliás, foi criada para ser um local de prestígio e desempenhar um papel de destaque em Lisboa, algo que se confirma logo a 6 de Junho seguinte: O dia do aniversário de D. José I foi celebrado com um beija-mão no Paço Real seguido de uma nova visita à Ópera pelos ministros, embaixadores e família real para ver *La Clemenza di Tito*, igualmente de Metastasio.

Também dentro da normalidade de mais um ano, em 1755 são recorrentes as notícias e referências religiosas. Da Inquisição às profecias e intervenções divinas, a fé era presença recorrente no dia-a-dia da população. No final de Janeiro, um clérigo, Aleixo Escribot, entregou-se de livre vontade à Mesa da Inquisição de Lisboa porque se encontrava repleto de dúvidas de fé. Para ele o purgatório “podia ser huma invençāo artificioza, que se inventaram para enriquecer a Igreja á custa dos povos²”, já que levava a encomendas de missas e orações para, no fundo, financiar a subida das almas do purgatório para o céu. O processo alongou-se, Escribot viu-se obrigado a negar ter lido algum livro que lhe tenha suscitado tais dúvidas e acabou condenado a diversas penitências espirituais, a pagar os custos do processo e ainda viu os seus bens confiscados. Fora isso, saiu livre no início de Fevereiro.

Processos mais complicados que este sucederam-se ao longo de 1755. Em Abril foi preso um marinheiro que os inquisidores julgaram ser português apesar de navegar num navio sueco há oito anos. O homem em questão terá chegado ao porto de Setúbal, onde defendeu a quem o quisesse ouvir que ser protestante era melhor que ser católico. Os que o ouviram, chamaram a Inquisição e o marinheiro foi preso. Só a 6 de Maio conseguiu apresentar a sua defesa: provou que era protestante de nascença e não um ex-católico, o que fazia toda a diferença, e apontou que só elogiou a sua religião porque não sabia que tal era um crime em Portugal. Depois de jurar sobre os evangelhos que não falaria mais sobre religião com portugueses, foi libertado³.

Em meados de Outubro, o caso presente à Inquisição já tinha contornos diferentes. José Madeira, Padre, via-se envolvido pela terceira vez num processo por solicitar favores sexuais às suas paroquianas. Em 1735 e em 1737 já tinha sido acusado do mesmo. O processo ainda estava em curso quando o Sol nasceu a 1 de Novembro.

¹ TAVARES, Rui, *O pequeno livro do grande terramoto*, Lisboa, Tinta da China, 2009. p.62

² *Idem, ibidem*, p.57

³ *Idem, ibidem*, p.64

O domínio da religião sobre a agenda mediática não se ficava pelas notícias e processos que envolviam a Inquisição. A superstição católica, tão criticada pelos protestantes, também fazia parte do dia-a-dia: Por um lado encontramos uma profecia em Agosto que ensombrou a organização de uma tourada, já que prometia a queda de todas as bancadas do recinto, como já tinha acontecido uma vez no séc. XVII. Não se confirmou. Por outro lado também encontramos milagres, como aquele incêndio que deflagrou numa capela e se extinguiu antes de chegar ao casario, graças à intervenção divina⁴. Também na ocasião da morte de Fr. Joaquim de São José novo toque milagroso, já que nos dizem que este clérigo “*vaticinou o dia da sua morte*” e durante o seu funeral “*150 velas e 4 tochas, senam consumió mais que um arrátel de cera*⁵”. O consumo de tão pouca cera por tantas velas era visto como um sinal de que a providência estava atenta e que assim confortava os fiéis.

Ao longo do ano são ainda de destacar as notícias referentes à ocorrência de terramotos um pouco por todo o lado. Em Grenoble, um abalo violento destruiu a maioria das casas mas não provocou vítimas. Já no início de Outubro chegou a notícia de um violento terramoto na costa do Mar Negro que afectou directamente Constantinopla, leia-se o império muçulmano, onde “*uma parte considerável desta principal Cidade do Império Ottomano se acha arruinada*⁶”. As catástrofes no mundo muçulmano eram vendidas como castigos divinos por causa da renegação da verdadeira fé.

2.1) A economia em 1755.

Os anos entre as décadas de 1750 e 1770 ficaram marcados pelo declínio das chegadas de ouro do Brasil, a contracção do mercado externo e problemas no mercado internacional de açúcar, vinho e sal. Tudo isto teve um forte impacto no nível de receitas da Coroa, sobretudo nas alfandegárias e do ouro, facto que coincidiu com uma aceleração das despesas exigidas ao Reino, não tanto pelos custos que a Reconstrução de Lisboa ia obrigar, mas sobretudo pela entrada de Portugal na Guerra dos Sete Anos.

O pré-declínio da economia portuguesa era já apontado pelo Núncio Apostólico Filippo Acciaiuoli na sua correspondência com a Santa Sé sobre o terramoto, referindo a dada altura que este declínio económico, já anterior ao terramoto, só podia ser comparado com o declínio da regularidade religiosa em Portugal: “*Além da economia mal administrada antes e precipitada depois do terramoto, há grande necessidade da regularidade, que particularmente nos conventos antes se tinha perdido, muito mais agora*⁷. ”

Porém, e apesar do declínio em que a economia portuguesa estava a entrar, a sociedade ainda vivia dos benefícios acumulados em anos anteriores, muitos deles aplicados em edifícios, arte e em bens de uso pessoal, como roupa. *“Lisboa foi, como é sabido, uma das mais florescentes cidades da Europa; a situação vantajosa do seu porto, o rico comércio que ela mantinha com vários Reinos, tudo concorria para fazer usufruir nela as delícias da abundância e a magnificiênciadas riquezas. O luxo dos vestidos e dos acompanhantes muitas vezes faz confundir o Príncipe com o Magistrado e este com o simples burguês. A magnificiênciados*

⁴ Rui Tavares, *op. cit.*, p.60

⁵ *Idem, ibidem*, p.69

⁶ *Idem, ibidem*, p.59

⁷ PINTO CARDOSO, Arnaldo, *O terrível terramoto da cidade que foi Lisboa – Correspondência do Núncio Filippo Acciaiuoli*, Lisboa, Aletheia, 2005, p. 97.

templos tinha chegado ao mais alto grau. O brilho do ouro e da prata que aí brilhavam de todas as partes deslumbrava os olhos e a Patriarcal, obra dos Reis, não devia nada pelas riquezas à magnificiênciea de Roma. Sob uma aparência medócre, as casas encerravam tudo o que a arte pode oferecer de mais precioso. Enfim, bem se pode dizer que Lisboa foi a depositária das riquezas tanto do Oriente como de toda a Europa” lê-se num texto escrito em francês, não assinado, recolhido também por Arnaldo Pinto Cardoso⁸. Mas tanta riqueza, obra de arte e luxo eram, à imagem da economia, demasiado frágeis para sobreviver a um abalo: “A destruição de tantas grandezas foi obra de três minutos.”

2.2) Ao Primeiro de Novembro de 1755, Sábado

O imenso rol de descrições feitos por testemunhas presenciais do terramoto de 1755 ajuda-nos a perceber a dimensão do desastre e o impacto deste em termos imediatos na população. Desgraça, sorte, abandono de filhos e familiares, actos heróicos, mortandade generalizada, houve de tudo um pouco durante a tripla tragédia de Lisboa. “Na ocasião do terramoto os devotos meus fregueses acudiram com fervoroso zelo e livraram do incêndio a nossa [imagem do Senhor preso à coluna], dos quais cada um com melhor motivo podia na destruição desta Tróia entre os lamentos dizer com Eneias a favor de seu Pai Anquises: ‘ipse subibo humeris, nec me labor iste gravabit’⁹”, conta por exemplo o Prior de Santa Justa, já três anos depois do terramoto¹⁰.

Mas todos os actos heróicos foram poucos face à dimensão da tragédia que se abateu sobre Lisboa naquele dia de Todos-os-Santos: “Em suma, tudo é horror e misérias, e Lisboa é um monte de pedras. Agora chega o fogo à minha casa; todas as casas que tinham ficado ilesas das ruínas vão-se incendiando por efeito de um fogo subterrâneo. Eu estou cheio de confusão e de dor¹¹”, sintetiza o representante do Papa em Lisboa na primeira carta que envia para a Santa Sé a dar conta da tragédia. “Como pretende vossa mercê lhe descreva eu huma tragedia, em que era huma das figuras da representaçāo, sabendo muito bem, que os que estaõ dentro da scena, naõ lograõ também o enredo, as vistas e as mutaçoens do theatro?¹²”, lamenta por seu turno José de Oliveira Trovão e Sousa sobre a falta de palavras para descrever o que tinha acontecido. “Não passava um minuto e vi a minha mulher e filha serem enterradas vivas pela derrocada da parte restante do prédio¹³”, salienta um inglês num folheto enviado para Inglaterra a dar conta do “recente e horrendo terramoto em Lisboa”.

“Os intérpretes da Lei, os ministros dos altares, as mulheres, as crianças cobertos de sangue e de poeira, correndo sem saberem para onde, metendo-se no perigo cuidando evitá-lo¹⁴. ” O terramoto apanhou todos desprevenidos, sem ligar a posição social ou económica, escolhendo as vítimas por mera sorte: Jâcome Ratton acordou de madrugada e foi a uma das primeiras missas do dia, pelo que à hora do terramoto já estava de regresso a casa - “tinha ido eu à missa à igreja do Carmo, cujo tecto era de abóbada de pedra, e derrubado matou muito povo que ali se achava, de cujo perigo escapei por ter ido mais cedo, e me achar na dita hora nas

⁸ Pinto Cardoso, *op. cit.*, p. 135-6

⁹ “Sobe para as minhas costas, que eu te carregarei aos ombros e esse esforço não me custará”, in VERGÍLIO, *Eneida*, II.708

¹⁰ *Memórias de uma cidade destruída - Testemunhos das Igrejas da Baixa-Chiado*, D. Manuel Clemente (prefácio), Lisboa, Aletheia, 2005 p. 11

¹¹ Pinto Cardoso, *op. cit.*, p.21

¹² Rui Tavares, *op. cit.*, p.71

¹³ Rui Tavares, *op. cit.*, p.75

¹⁴ LIMA, Luísa, *Ideias sobre a natureza e sobre a gestão do risco nos textos portugueses produzidos na época*, in Ana Cristina Araújo et al (org.), *O terramoto de 1755 – Impactos históricos*, Lisboa, Outubro 2007, p.49

águas furtadas das minhas casas¹⁵; já o embaixador de Espanha adiou a agenda do dia porque estava indisposto e ficou em casa onde acabou por sucumbir “sepultado entre as ruínas¹⁶” do Palácio da Embaixada. Decisões simples do dia-a-dia fizeram a diferença entre a morte e a vida.

As várias descrições e relatos feitos sobre o terramoto apontam para horas distintas da ocorrência do mesmo, variando entre as 8h da manhã e as 11h da manhã, sendo porém em maior número aqueles que apontam as 9h30 para o início da desgraça: 19 das 55 freguesias da Provedoria de Aveiro¹⁷, por exemplo, situam o terramoto àquela hora, compondo a hora mais apontada (34,5%), logo seguida pelas 9h50, horário apontado por 14 freguesias (25,4%). As freguesias foram contactadas logo em 1756 depois de, por ordem do Marquês de Pombal, ter sido pedido a todo o país um relatório sobre o impacto que o terramoto teve. Em Espanha levou-se a cabo idêntica iniciativa, com a conclusão a ir no mesmo sentido: tal como em Portugal, muitas paróquias não contavam com relógios ou outro tipo de instrumentos de acompanhamento detalhado das horas, o que justifica a variação de valores apontados. Ainda assim, olhando para as respostas enviadas pelas paróquias da Galiza¹⁸, nota-se que 11 locais concordam a apontar para as 9h30, o maior número de respostas coincidentes. Além disso, grande parte das respostas (40%) situam os primeiros abalos na faixa entre as 9h e as 10h.

Ficamos então com as 9h30 como a hora mais aproximada do início do terramoto de Lisboa. A essa hora surgiu “*um rugido taõ medonho como o de hum espantoso trovão*” e de repente tudo começou a abanar “*com taõ violento, e estranho moto, que logo indicou naõ ser puramente tremor¹⁹*”, e seguiram-se as ondas de energia libertadas pelo sismo de magnitude aproximada aos 8.7 da escala de Richter.

Mais do que a magnitude, é na duração (e repetição) do terramoto que nos devemos concentrar. Mesmo imaginando que para quem vive um desastre desta dimensão 30 segundos parecem 30 minutos, os vários testemunhos confirmam entre si o que dizem: o Núncio Apostólico fala em oito minutos de terramoto, agregando os três diferentes abalos num único período. Os relatos falam de duas interrupções de alguns segundos entre abalos, sendo que estes regressavam mais fortes a cada intervalo. Foram pelo menos sete minutos de horror, intermediados por dois intervalos que deram tempo aos lisboetas para passar da surpresa ao pânico. “*Vimos Lisboa, Nova Atenas onde floresciam as ciências e artes filhas da abundância, da riqueza e da quietação, tornar-se em breves instantes numa aldeia desfeita e despovoada. Vimos os mais altos edifícios prostrados por terra, as ruas semeadas de mortos, de feridos e de agonizantes²⁰.*”

Sendo um dia tão religioso como de Todos-os-Santos, muitas das vítimas morreram sob os escombros das igrejas de Lisboa - *Só num convento foram encontradas 34 monjas mortas²¹*. As ondas sísmicas deixaram telhados sem sustentação e estes caíram sobre quem quer que estivesse por baixo do tecto ou perto da igreja, ou de qualquer outro edifício. “*No 1º*

¹⁵ RATTON, Jácome, *Recordações de Jacome Ratton*, exemplar policopiado, disponível em <http://tinyurl.com/meje69e>, p.24

¹⁶ Pinto Cardoso, *op. cit.*, p.23

¹⁷ AMORIM, Inês, *Para além do medo, temor, susto e pavor: Respostas da provedoria de Aveiro aos inquéritos de 1756*, in Ana Cristina Araújo et al (org.), *op. cit.*, p. 65

¹⁸ GONZÁLEZ LOPO, Domingo, *El impacto y las consecuencias del terremoto de Lisboa en Galicia*, in Ana Cristina Araújo et al (org.), *op. cit.*, p.100

¹⁹ Rui Tavares, *op. cit.*, p.74

²⁰ Luísa Lima, *op. cit.*, p.49

²¹ Pinto Cardoso, *op. cit.*, p.31

Novembro, dia dedicado à Solenidade da festa de Todos os Santos, às 9 horas e meia da manhã, quando milhares de pessoas enchiam as Igrejas para assistir à celebração deste grande dia, enquanto outros se aglomeravam para aí entrarem, a terra fez sentir um tremor que, aumentando sempre mais, fez recear uma convulsão total da Natureza; as ruas e mais de 500 igrejas, pela sua ruína e pela das casas, converteram-se na sepultura de mais de 60 mil pessoas esmagadas.²²”

Ainda a poeira assentava depois de sete minutos de terror e já alguns notavam algo estranho no Tejo: tinha recuado demasiado, apresentava um nível muito abaixo do normal. Em meia-hora, os lisboetas iam perceber porquê. Uma onda com seis metros – e arrastando todas as embarcações ancoradas para Lisboa – invadiu as ruas da cidade não uma mas três vezes em cinco minutos, provocando estragos desde Belém até à Rocha do Conde de Óbidos, em Santos-o-Velho, e daqui até à freguesia de São Paulo. As ondas terão penetrado em até um quilómetro no interior da cidade²³. Se tivermos em atenção que logo após o terramoto muitos foram aqueles que procuraram a ribeira, o Tejo e as suas praias para ficarem abrigados dos edifícios que se iam desmoronando, não é difícil imaginar quão elevado foi o total de vítimas que o maremoto provocou.

“As águas do Tejo, tendo saído do seu leito natural, chegaram dentro da cidade ao lugar chamado Rua Nova, onde pereceu muita gente, e aqueles que fugiam para a Praça para salvarem a sua vida, foram encontrados aí afogados, tendo o mar, ao retroceder, engolido um grande número de pessoas²⁴”, conta-nos um anónimo presente em Lisboa na altura, numa carta não assinada. “A terra, como que saciada e tornando ao seu equilíbrio ordinário, deixava apenas acalmar-se o terror em que tudo tinha mergulhado, quando o mar, por um refluxo contra o seu curso ordinário, vem oferecer uma segunda morte mais terrível e mais geral do que a primeira; uma submersão cruel ameaça todos aqueles que tinham escapado ao tremor de terra; por três vezes, o mar com uma rapidez incrível, ultrapassou os seus limites (...), a este espectáculo cruel assistem aqueles que tinham julgado encontrar nas praças vizinhas alguma segurança contra o primeiro perigo, correm desesperados na direcção dos montes com os gritos mais agudos e mais lancinantes (...) quantos infelizes dispersos e surpreendidos na margem, onde eles tinham vindo procurar um asilo contra a morte que os tinha poupadado um momento antes; quantos corpos flutuando entre os restos dos navios e de pranchas de madeira, que o mar arrasta²⁵. ”

Como duas desgraças não vêm sós, a madeira, pessoas e todo o tipo de detritos arrastados pelas ondas acabaram por criar as condições perfeitas para que os incêndios que surgiam por toda a cidade, provocados pela queda de candelabros, archotes ou fogões, ganhassem uma dimensão horrenda, unindo-se todos num único e enorme fogo. Isto só foi possível porque a esta hora levantou-se “um vento do Norte bastante violento, que se levantou após uma calma profunda²⁶”. Agora sim, todos os elementos (Água, Terra, Fogo e Ar) estavam unidos contra Lisboa. A fronteira do fogo foi definida entre Alfama e o Bairro de São Paulo, abarcando toda a zona baixa e incluindo a Ribeira, chegando ao Rossio e Hospital de Todos-os-Santos, onde

²² Pinto Cardoso, *op. cit.*, p.135

²³ Rui Tavares, *op. cit.*, p.83

²⁴ Pinto Cardoso, *op.cit.*, p.128/9

²⁵ Pinto Cardoso, *op. cit.*, p.137

²⁶ *Idem, ibidem*, p.138

morreram os 400 internados lá registados. A dimensão do fogo e a incapacidade de resposta de uma cidade destruída pelos elementos fez com que este gigantesco incêndio tenha ardido livremente durante uma semana, não causando “*dano inferior ao do próprio terramoto*²⁷”.

Quando o incêndio tomou tais proporções, muitos lisboetas ainda se encontravam refugiados no Terreiro do Paço, vendo-se de um momento para o outro rodeados pelas chamas que fechavam o local vindas de todas as direcções. “*Vi toda a gente ajoelhada, e a grande praça repleta de chamas; porque as pessoas que vinham das ruas em torno tinham-na enchido de fardos e, quando o fogo aumentou, tinham fugido abandonando-os [fardos] que estavam agora todos em chamas, salvo no nosso canto, e junto às paredes inferiores do Paço... mas como o vento soprasse agora forte lançava as labaredas em lençóis de fogo que rasavam as nossas cabeças; e esperávamos que nos apanhassem a qualquer minuto; perdi todo o meu ânimo e cedi ao desespero*²⁸. ” Por sorte, uma mudança súbita do vento preveniu maiores desgraças para estes refugiados.

Apesar do incêndio maior ter acalmado depois de uma semana, os focos de incêndio persistiram muito tempo: “*Ainda não foi extinto o fogo, continuando nos subterrâneos das casas queimadas e especialmente nos armazéns onde havia géneros mais susceptíveis*”, conta o Núncio numa carta²⁹ de 16 de Dezembro, mês e meio depois do terramoto.

Ao longo de todo este período de tragédias incessantes, foi difícil para quem se encontrava em Lisboa saber como reagir, o que fazer ou salvar. Muitos viram o pior da natureza humana vir ao de cima: “*na occasião do terremoto se verificou aquelle adagio atéqui pouco verdadeiro, de que não ha Pay por filho, nem filho por Pay*³⁰. ” Muitos foram os que abandonaram os mais próximos em nome da própria sobrevivência, por puro instinto, como fica patente nesta descrição: “*cada um corria sem se recordar nem dos parentes nem dos amigos que acabava de perder e sem cuidar se o lugar para onde corriam lhes oferecia mais segurança*³¹. ” No fundo, não será exagero se dissermos que o pânico tomou conta dos corpos sobreviventes, reduzidos a pessoas “mal vivas”, tal como a cidade: “*Na verdade, a quem pode não ser de sumo pesar e dor o sentir reduzida em poucos momentos a um monte de escombros uma tão grande e flórida cidade, reduzida a morta ou mal viva*³²”, lamenta o secretário de Estado da Santa Sé, na primeira comunicação ao Núncio após tomar conhecimento do terramoto.

2.3) Vítimas, réplicas, destruição e impactos.

“*O número de mortos pelo terramoto e incêndio, pelo cálculo genérico que se pôde fazer, ascenderá a 40 mil e mais ainda*”, diz-nos o Núncio Filippo Acciaiuoli, numa carta de início de Dezembro, um mês após o triplor desastre. Mas a estimativa é quase impossível de fazer: não só as fontes são contraditórias, como muitos corpos não terão sido descobertos, faltando contabilizar o total de vítimas nos meses seguintes ao terramoto por mazelas do mesmo. Diz-nos o mesmo representante da Santa Sé que em Fevereiro “*continua-se, se bem que lentamente, a limpar ou seja a escavar, e encontram-se corpos mortos sob as ruínas das*

²⁷ Pinto Cardoso, *op. cit.*, p.26

²⁸ Rui Tavares, *op. cit.*, p.116

²⁹ Pinto Cardoso, *op. cit.*, p.26

³⁰ Rui Tavares, *op. cit.*, p. 78

³¹ Pinto Cardoso, *op. cit.*, p.137

³² *Idem, ibidem*, p.101

*casas*³³”. Falou-se em centenas de milhares, mas números mais realistas rondarão os 10 a 15 mil mortos, cerca de um décimo da população da cidade, então a rondar os 150 mil habitantes.

“A contabilidade das vítimas mortais e dos feridos do terramoto de 1755 continua envolvida na maior confusão, assistindo-se, então e ainda hoje, a uma grande diversidade de contagens e estimativas. Geralmente são apresentados números que me parecem exagerados. De entre as estimativas mais prudentes e mais credíveis, até pelos critérios em que se baseou, seleccionaria a de Moreira de Mendonça que, referindo-se unicamente a Lisboa, aponta para 10 mil vítimas mortais – 5 mil na ocasião e 5 mil feridos graves que morreram num mês³⁴”, sintetiza José Vicente Serrão. Em termos de médio-prazo, salienta ainda, “houve uma quebra de 16/18 mil pessoas entre 1755 e 1758”, não só à conta das vítimas do terramoto mas também incluindo todos aqueles que abandonaram a cidade depois do mesmo. Lisboa precisou de 25 anos para voltar aos 150 mil habitantes do pré-1755.

Em termos de destruição material, a lista é imensa e intensa: muitos dos principais edifícios públicos sofreram com o 1 de Novembro, como o Palácio Real, o Senado da Câmara, onde estavam as secretarias de Estado, o Desembargo do Paço, os conselhos Ultramarino, Fazenda de Guerra, a Junta dos Três Estados ou a Mesa de Consciência e Ordens, as sedes das casas de Bragança, da Rainha e Infantado, o palácio da Inquisição e também a Ópera, que tantas alegrias já começava a dar aos lisboetas em 1755. A estes juntam-se muitos edifícios marcantes da actividade económica e comercial de Lisboa, como a Alfândega Geral ou do Tabaco, Casa da Índia e a de Ceuta, Casa das Carnes, Casa dos Corretores, estaleiros da Ribeira das Naus, cais, mercados, etc... só para citar uma pequena amostra. As contabilizações feitas falam ainda na destruição de 70% do património eclesiástico, incluindo 51 igrejas e 54 conventos, 30 palácios particulares e uma percentagem muito elevada de todo o património edificado da cidade³⁵.

A esta vasta lista, também devemos juntar o recheio das infraestruturas destruídas, assim como dos navios que se encontravam no Tejo. Mercadorias, bens móveis, obras de arte, jóias, dinheiro, bibliotecas... tudo contribuiu para que o impacto económico do terramoto se tornasse incalculável. Os testemunhos sobre a destruição de bens referem que o maremoto alagou todas as fazendas, consumindo 12 mil caixas de açúcar, levando 12 milhões de cruzados da Casa da Índia e que as cargas de três frotas do Brasil, ainda estacionadas no armazém do Tabaco, ficaram totalmente destruídas. E, como foi hábito neste dia trágico, o pior aconteceu: “*Tal ruína não podia ter acontecido em momento mais desafortunado, acabadas que eram de chegar as riquezas de três frotas e de mais três navios da Índia*³⁶.”

Calcular os custos económicos do 1 de Novembro será, assim, uma tarefa ainda mais complicada do que tentar perceber o total de vítimas mortais do mesmo dia. As tentativas de quantificação feitas até ao momento apontam para um impacto equivalente a 75% do produto interno bruto (PIB) de então, algo que, considerando o PIB actual do país, representaria hoje perto de 124 mil milhões de euros. Este impacto apanhou todos desprevenidos e de igual maneira, sem distinguir pobres de ricos: “*Certo é que na cidade e no Reino se vê crescer a*

³³ Pinto Cardoso, *op. cit.*, p.81

³⁴ VICENTE SERRÃO, José, *Os impactos económicos do terramoto*, in Ana Cristina Araújo et al (org.), *op. cit.*, p.145

³⁵ *Idem, ibidem*, p.142

³⁶ *Idem, ibidem*, p.143

cada dia a miséria e a desolação, para além de toda a medida³⁷”, conta o Núncio ao Papa, na antevéspera do Natal.

A esta miséria e desolação, “*vendo-se em figura de pobres mendigos pessoas que antes do flagelo eram abastadas³⁸*”, juntava-se ainda o terror de viver numa cidade que continuou a sentir réplicas do terramoto e a ver prédios desmoronarem-se durante todo o ano seguinte. “*A fobia aos edifícios sólidos parece ter sido uma quase epidemia nos anos seguintes*”, conclui Rui Tavares³⁹.

3) Organização imediata da cidade

Os dias após o terramoto exigiram acções imediatas das autoridades, não só para acorrer aos milhares de vítimas mas também para mostrar rapidamente à população que ainda havia hierarquias, magistraturas e justiça no Reino. A primeira prioridade, porém, foi evitar a peste. “*Toda a gente se encontra a campo aberto⁴⁰*”, diz-nos o Núncio sobre os dias seguintes na cidade onde ninguém queria voltar a um edifício sólido. Com milhares de corpos espalhados pela cidade, grande parte deles por descobrir, foram várias as decisões para evitar a disseminação de doenças. “*Numa das ditas naves muito grande, foi ordenado meter tantos cadáveres quantos pudesse conter e conduzi-la ao alto mar e fazê-la afundar, sendo quase impossível poder sepultar todos os cadáveres, antes que pudesse infeccionar a área⁴¹*.”

A urgência em enterrar as vítimas, Homens e animais, obrigou à requisição de tropas, sobretudo do Alentejo, para a cidade, que ficaram responsáveis por esta acção de saúde pública, mas também pelo patrulhamento dos edifícios públicos poupadados, pela execução sumária de criminosos e pelo controlo de entradas e saídas na cidade. Os militares, apesar de obrigados a cumprir as ordens, não o fizeram sem alguma resistência, algo notório na ordem do Rei ao Duque de Lafões, que ficou responsável por esta missão. A dada altura a ordem refere que sendo necessário deve-se “*obrigar aos que repegnarem⁴²*” a executá-las. O cumprimento destas ordens decorreu, todavia, sem problemas de maior, já que a 14 e a 17 de Novembro, tendo “*chegado o tempo das sementeirias e de serem grande parte dos soldados lacradores e seareiros, que não podem dilatar-se nesta corte sem irreparável prejuízo*”, estes militares foram dispensados – este é, no fundo, mais um sinal de que a vida tinha que continuar, já que a Corte mantém a prioridade da actividade agrícola face ao terramoto.

Apesar da ideia de uma cidade renascida das cinzas, este foi um processo bem mais lento do que a percepção comum sobre a reorganização da cidade. A limpeza urbana foi uma das maiores dores de cabeça e ainda no final de Dezembro, quase dois meses depois do abalo, estes serviços continuavam desactivados. Diz uma consulta da Câmara de 23 de Dezembro que desde 1 de Novembro “*não teve lugar nem a limpeza nem o concerto das ruas, porque tudo alterou aquele insólito sucesso*”. Em Janeiro, o problema mantinha-se, com os párocos a queixarem-se que “*não podem administrar os sacramentos aos enfermos, porque as ruas se acham invadeaveis, por imundas e por descalçadas; esta mesma queixa é geral. Do*

³⁷ Pinto Cardoso, *op. cit.*, p.62

³⁸ *Idem, ibidem*, p.59

³⁹ Rui Tavares, *op. cit.*, p.84

⁴⁰ Pinto Cardoso, *op. cit.* p.32

⁴¹ Pinto Cardoso, *op. cit.*, p.132

⁴² Rui Tavares, *op. cit.*, p.99

*desconcerto das calçadas podem resultar perigos, e da falta de limpeza das ruas danos irreparáveis*⁴³". A realidade de uma cidade suja e desconcertante seria uma imagem com que Lisboa iria viver nas décadas seguintes. William Beckford, já em 1787, numa descrição sobre a cidade, toca com força nesta ferida. O inglês fala que em Lisboa contam-se matilhas que reunem “*trinta ou quarenta mil cães*” que, todavia, até têm um lado positivo, já que esta era “*uma cidade em que são eles [cães] que devoram tudo quanto a população atira das janelas*”. Outros vão mais longe e referem que “*as ruas são todas imundas*” e que “*formigam de repugnantes mendigos de ambos os sexos*⁴⁴”. Na reconstrução da cidade, nem todos conseguiram reconstruir a sua vida.

O desespero em que muitos caíram no seguimento da tripla desgraça fez também naturalmente crescer os índices de criminalidade da cidade por vários anos. Ainda em 1763 surgem alvarás com determinações contra as “*quadrilhas de malfeiteiros que infestam a cidade*”, isto apesar das duras medidas tomadas logo após o terramoto. “*Durante o tempo da calamidade, homens perversos, sem remorso e sem temor, desafiando as chamas e a morte, tinham procurado no meio da ruína pública uma fortuna tão fácil como criminosa; assim como nada podia saciar a sua avareza, assim também, contra os seus esforços, nada protegia as casas abaladas; os cofres e os armários arrombados deixavam à sua vontade as riquezas imensas de que estavam cheios e com que eles se carregavam, esperando para a sua audaciosa rapina uma impunidade eterna*⁴⁵. ” Terá sido da responsabilidade de alguns destes ladrões de ocasião que algumas casas em Lisboa terão pegado fogo, segundo acusa o Núncio Apostólico ainda a 11 de Novembro. É neste testemunho que também notamos as primeiras manifestações de força da justiça: “*quanto a estes [ladrões] agora tomam-se todas as providências para os prender e lhes dar o merecido castigo, vários deles foram já metidos na cadeia e ouve-se dizer que se fará rigorosa justiça, a qual todavia até agora ainda não começou*⁴⁶. ” Os tribunais só seriam reabertos a 17 de Novembro e a justiça actuaría em breve.

O levantamento de forças um pouco por toda a cidade foi a forma encontrada para espalhar e recordar os símbolos do poder central em Lisboa, evidenciando que a jurisdição sobre a vida social não ruiu com o terramoto, fazendo as pessoas sentir a presença das autoridades. “*Os ladrões causaram grandíssimo dano e nesta semana foram justiçados nove ou dez, tendo deixado as cabeças nas forcas implantadas em vários lugares, no Largo de Campos, e alguns confessaram ter incendiado casas; e substraídos ou escondidos ou levados para as naves, encontraram-se aí muitíssimos objectos roubados e precisamente de prata de grande valor da igreja Patriarcal numa nave inglesa*”, actualiza-nos o Núncio a 18 de Novembro, desabafando pouco depois que apesar de se ouvir “*falar menos de roubos, depois da referida justiça*”, o facto de ter toda a população a viver em campo aberto torna “*difícil escapar a furtos*⁴⁷”. Os militares convocados para Lisboa serviram também para estabelecer “*um cordão a toda a cidade*” onde os soldados “*firmando todos, deixam depois em liberdade quantos encontram de profissão, arte ou serviço, e retêm os vagabundos e ociosos, que em grande quantidade levam depois ao trabalho, para tentar acabar com os latrocínios*⁴⁸”. Este cordão

⁴³ LOUSADA, Maria Alexandre, BRITO HENRIQUES, Eduardo, *Viver nos escombros: Lisboa durante a reconstrução*, in Ana Cristina Araújo et al (org.), op. cit., p.187

⁴⁴ Idem, ibidem, p.188

⁴⁵ Pinto Cardoso, op. cit., p.140

⁴⁶ Idem, ibidem, p.26

⁴⁷ Idem, ibidem, p.37

⁴⁸ Idem, ibidem, p.48

tanto procurava dificultar o ofício dos ladrões como conter o êxodo populacional da cidade, agora tão necessitada de mão-de-obra.

Apesar da mão pesada da Justiça, nem todos os ladrões foram condenados à forca e decapitação. No início de Dezembro, segundo relata o representante da Santa Sé ao Cardeal Secretário de Estado, entre os criminosos apanhados “*grande número*” foi aproveitado para o trabalho “*de limpar as estradas da cidade e de fazer tudo quanto ocorre infelizmente no serviço público*”.

O desespero em que caiu a cidade e/ou a tentação de oportunidades que os escombros apresentavam fizeram com que nem a demonstração de força e de uma justiça rápida fossem suficientes para conter os ímpetos de parte da população. Apesar de Lisboa ter sido transformada numa montra de cabeças arrancadas aos corpos e pregadas aos postes das forças, não havendo campo sem “*patíbulos com corpos de justiçados suspensos*”, onde “*os ladrões se deixam apensos em todos os campos*” certo é que em meados de Dezembro “*o terceiro flagelo dos ladrões ainda não terminou*”. Antes, no início de Dezembro, o representante da Santa Sé refere que “*o valor das coisas roubadas encontradas nas mãos dos ladrões, nas naves e sob a terra, declaradas pelos justiçados, supõe-se que ascenda a um milhão*⁴⁹”.

A rápida implementação de uma justiça implacável foi apenas uma das medidas tomadas no imediato pelas autoridades para iniciar a normalização da vida em Lisboa, muitas se seguiriam. Às medidas de contenção de uma eventual epidemia da peste, seguiu-se o abastecimento da cidade. “*Da Corte vão emanando Provisões, mas é tal ainda a confusão que pouco se aproveita*⁵⁰. ” Determinou-se o resgate dos bens possíveis entre as ruínas da cidade, construíram-se fornos temporários para cozer pão e as povoações vizinhas de Lisboa foram chamadas a enviar para a cidade farinha e demais comestíveis que fossem dispensáveis, avançando também uma ordem para a disponibilização obrigatória de quaisquer excedentes alimentares guardados na carga dos navios ancorados no Tejo. Alvo de atenção foi também a constituição de reservas nos celeiros públicos ou privados, tentando-se com isto conter a acumulação de bens por terceiros. Em Janeiro esta ordem seria levantada. A fixação de preços foi outra das decisões com que a Corte avançou logo no imediato, pois “*nos três dias seguintes, a pobre gente não encontrava um pedaço de pão para viver, pelo que Sua Majestade ordenou sob pena capital de não se venderem os comestíveis a preço mais caro do que o habitual, concedendo ainda a isenção de impostos a todos aqueles que trouxerem víveres por sete anos*⁵¹”. Mas, tal como no caso dos ladrões, também a vontade Real foi insuficiente para conter a “epidemia” dos preços, algo de que o Núncio se queixa especialmente entre Dezembro e Janeiro.

3.1) Uma cidade de barracas

O dia de 1 de Novembro de 1755 destruiu grande parte dos edifícios da cidade e mesmo aqueles que viram as suas casas sobreviver repudiavam a ideia de voltar a estar dentro de um edifício sólido, o que transformou a paisagem lisboeta. “*De facto, pode dizer-se reduzida a*

⁴⁹ Pinto Cardoso, *op. cit.*, p.47

⁵⁰ *Idem, ibidem*, p.37

⁵¹ *Idem, ibidem*, p.131

uma cidade de madeira, nos campos superiores e na longa estrada que leva a Belém⁵²”, sintetiza Acciaiuoli a 17 de Fevereiro. Segundo Amador Patrício, citado por José-Augusto França⁵³, nos primeiros seis meses após o terramoto terão surgido 9 mil barracas em Lisboa – e pelas indicações que nos chegaram, houvesse madeira e outros bens disponíveis, mais ainda teriam sido construídas, e mais rapidamente.

Os principais acampamentos edificados pelos lisboetas encontravam-se em Campo de Ourique, Campo de Santa Clara e Campo Grande, ainda que nos primeiros dias muitas centenas ou milhares de pessoas estivessem retidas no Terreiro do Paço, rodeadas pelo incêndio a que já aludimos anteriormente. Mas o futuro passaria mesmo pelos acampamentos provisórios, o que obrigou os lisboetas a acomodarem-se a um estilo de vida menos digno. Conta-nos Jâcome Ratton, por exemplo, que chegado a uma quinta no Lumiar, foi alojado no jardim, “*debaixo de uma barraca feita de lençóis, e alastrada de colchões, sobre os quais dormiram promiscuamente, e sem se despir, tanto a gente da casa, como a de fora*⁵⁴”.

Neste novo estilo de vida nem a Corte escapou. O Rei, depois de nas três primeiras semanas ter equacionado mudar-se para o Alentejo com toda a família⁵⁵, acabou por decidir ficar em Lisboa, avançando então com o plano de construir a Barraca Real - nos dias seguintes ao terramoto, D. José I, que escapou em camisa do Palácio Real, dormiu “*no campo, numa carroça*⁵⁶”. A Real Barraca só começou a ser construída no início do novo ano, tendo o Rei antes mandado construir uma ampla igreja de madeira, próximo da igreja da Santíssima Virgem chamada da Ajuda, para servir no Natal. “*Entretanto agora constrói-se num plano grande por cima do Palácio de Belem uma barraca de madeira que será de 7 em 800 passos para serviço e habitação de toda a Corte, a qual estará, sem dúvida, mais comodamente e com muito menos humidade do que agora nas tendas postas no jardim que se encontra no plano inferior ao Palácio*⁵⁷. ” Esta barraca, cuja construção se prolongou até Junho, seria a morada do Rei até ao fim do Reinado.

Apesar da nova paisagem de Lisboa, o regresso à normalidade noutras áreas foi mais acelerada que a relacionada com o imobiliário. O porto, as alfândegas e armazéns foram transferidos para Belém e Junqueira, voltando à operacionalidade ainda durante 1755. Em Março de 1756 já se encontram pedidos de autorização para a reabertura de lojas de fabrico e venda de linhos na praça da Ribeira e em todo esse ano já as frotas retomavam os seus horários normais. Passado menos de um ano do terramoto, o Tejo contava já com mais de 100 navios ancorados, 47 dos quais ingleses e outros 30 da Dinamarca⁵⁸.

3.2) Ajudas internacionais.

O relançamento económico da cidade estava assim a superar o ritmo de outras reconstruções que Lisboa iria viver nas décadas seguintes e para isto muito ajudou as ofertas de ajuda internacional que foram chegando à Corte portuguesa. A Coroa espanhola foi uma das primeiras a avançar nesse sentido, isto apesar de ter também sentido e sofrido com o abalo.

⁵² Pinto Cardoso, *op. cit.*, p.81

⁵³ Lousada e Brito Henriques, *op. cit.*, p.191

⁵⁴ Jâcome Ratton, *op. cit.*, p.27

⁵⁵ Pinto Cardoso, *op. cit.*, p.25

⁵⁶ *Idem, ibidem*, p.21

⁵⁷ *Idem, ibidem*, p.64

⁵⁸ Vicente Serrão, *op. cit.*, p.147

De Madrid saiu logo uma autorização para que se levasse a Portugal “*todos los géneros y frutos que necesitare y se condujeren por los vasallos de ambas Coronas sin pagar derechos de aduanas*”. A decisão originou um enorme comércio de Espanha para Portugal, favorecido também “*por los altos precios que estaban dispuestos a pagar los portugueses*⁵⁹”.

Já perto do Natal, chega-nos pelo Núncio a notícia que um enviado de Inglaterra chegou a Lisboa “*para vir condoer-se com o Rei e oferecer-lhe toda a ajuda, que o segundo concedeu até à soma de um milhão de libras esterlinas*⁶⁰”. É através do representante da Santa Sé em Lisboa que ficamos a saber também que o embaixador francês fez semelhante oferta ao Rei português, que todavia terá recusado ambas. Já as ofertas de géneros e bens foram bem recebidas. Uma esquadra de quatro navios hamburgueses com madeira, farinha, biscoitos, enchidos, carnes e outras provisões chegou a Lisboa no início de Janeiro, e em Fevereiro chegaram duas naves de Livorno com tábuas, tijolos e outros géneros, “*agora muito necessários nesta desolada cidade*”. De Inglaterra, e além da oferta de dinheiro, contam-se também dois comboios navais, em Dezembro e em Março, com géneros e ferramentas de oferta. Um espanhol a viver em Lisboa conta ainda que a pedido de D. José e graças “à clemencia do nosso Monarca Católico expediu imediatamente àquele Fidelíssimo Rei somas consideráveis de dinheiro, tendo dado ordens rigorosas para que as cidades e terras dos confins sejam levados comestíveis e outros bens necessários àquela pobre Gente”.

A entrada de géneros, dinheiro, bens e até trabalhadores vindos do estrangeiro para ajudar Portugal contrasta com o movimento oposto que a cidade sentiu por parte dos habitantes estrangeiros. O “*desabar da cidade e a voragem que sepultou pessoas e tesouros incalculáveis*” levou “*à partida de quantos tinham sido contratados no estrangeiros para abrilhantar o mundo da arte e contribuir para o esplendor da Corte que o rei D. João V quis entre as primeiras da Europa*”. Este êxodo não foi imediato. É em Março que o Núncio nos dá conta que “*partiram na semana passada alguns músicos italianos desta capela Patriarcal, que não quiseram continuar neste país, ou seja por temor ou por outros motivos caprichosos, naturais a tal sorte de gente*”, isto depois de já em Fevereiro o mesmo salientar que até então tinham partido “*já todos os músicos, tocadores, bailarinos, mestres, pintores, alfaiates e outros artistas que em número considerável e com grandíssimas pagas anuais sua Majestade Fidelíssima tinha feito vir da Itália e de outras partes da Europa*⁶¹”.

4) O terramoto visto pela religião e literatura.

A viagem ao ano de 1755 que realizámos na primeira parte deste trabalho, onde vimos como as notícias colocavam a religião como algo bem presente no dia-a-dia, serviu-nos para sublinhar o peso da fé no quotidiano, algo indispensável de ter em mente na análise do presente capítulo, já que a vivência da religião era então completamente distinta das referências com que nos enquadramos hoje. Não é assim de estranhar que o triplo desastre que se abateu sobre Lisboa, ainda para mais no dia de Todos-os-Santos, tenha dado motivo para

⁵⁹ González Lopo, *op. cit.*, p.110

⁶⁰ Pinto Cardoso, *op. cit.*, p.62

⁶¹ Referências para este e para o parágrafo anterior: Pinto Cardoso, *op. cit.*, p.10, p.69, p.81, p.82, p.86, p.132 e p.127

discussões e provocações religiosas por toda a Europa, levando até à emergência de novos cultos⁶².

A realidade de 1755 acumulava já séculos de guerras religiosas, seja entre cristãos seja contra os muçulmanos, sendo que, a fazer fé na literatura ou nas notícias, estes últimos sofriam castigos divinos quase diariamente: qualquer desastre natural ou semelhante que ocorria em terras Otomanas era sempre apresentado nos reinos cristãos como resultado da Justiça Divina, que castigava os infiéis por renegarem a verdadeira fé. Mas tal não era um exclusivo destes.

Em 1750, sentiram-se dois terramotos em Londres, separados exactamente por um mês – 8 de Fevereiro e depois a 8 de Março. A coincidência das datas tornou a espera por 8 de Abril insuportável: multiplicaram-se os recados da Igreja de que chegara a hora de reflectir e preparar para o Julgamento Final. “*O evangelho era rejeitado, apesar da superioridade do protestantismo; eram publicados livros que desafiavam ou ridicularizavam as grandes verdades da religião, e não só esses livros eram bem recebidos na metrópole viciosa mas até nas plantações da América. Usava-se linguagem blasfema, abertamente, nas ruas. Gravuras lascivas ilustravam todas as abominações e eram toleradas. Havia muita homossexualidade. As pessoas andavam doidas com os divertimentos; num só jornal o bispo tinha contado mais de quinze anúncios a peças de teatro, danças, lutas de galo, combates e por aí adiante – e isto durante a Quaresma*”, enumera Thomas Kendrick, historiador e director do Museu Britânico nos anos 1950, numa compilação que realizou sobre as ofensas então imputadas aos londrinos e que justificariam a chegada do Juízo Final⁶³.

Neste enquadramento, dificilmente o terramoto de Lisboa escaparia à associação entre a Justiça Divina e desastres naturais. Assim, como interpretar o desastre de Lisboa? Nesta discussão é importante recordar que se por um lado no mundo muçulmano tudo o que corria mal era obra do Senhor, por terras cristãs, como antes referimos, também era costume agradecer a Deus por tudo o que corria bem mas também pelo que não corria pior. No fundo, e tal como ocorreu com o 1 de Novembro, este tipo de eventos serviam mais para confirmar convicções já existentes, do que criar novas ou abalar antigas.

“*Não estou contente com a imprudência de muitos sacerdotes frenéticos, seculares e regulares, voluntários que têm pregado com terrores e erros (...). Fiz chegar sugestões a Sua Eminência [Cardeal Patriarca de Lisboa] para proibir os voluntários indiscretos missionários, e algum Regular eu próprio o corrigi e impedi voltasse a pregar, porque dizia coisas contrárias à letra do Evangelho e metia medo nas pessoas simples*⁶⁴”, desabafa o Núncio Apostólico, um mês depois da tragédia. Os habitantes de Lisboa tinham-se tornado alvos fáceis de propaganda alarmista e esta estava a incendiar paixões e crenças. Daqui ao apontar de culpas foi um pequeno passo.

“*A populaça, aparentemente, estava convencida da noção de que aquele era o dia do Juízo Final; e desejando empenhar-se em tarefas piedosas, tinham-se carregado de crucifixos e imagens de santos; homens e mulheres, sem distinção, nos intervalos entre os tremores de*

⁶² Sobretudo em Espanha, onde surgiu uma devoção a S. Emigdio, novo protector contra abalos de terra. Já nas Canárias emergiu o culto das Almas do Purgatório, atribuindo-se a estas a responsabilidade do terramoto, dado o dia em que este ocorreu. As almas em purgação manifestavam-se assim desde as cavernas profundas da Terra. Vide: González Lopo, *op. cit.*, p.109

⁶³ Rui Tavares, *op. cit.*, p.199

⁶⁴ Pinto Cardoso, *op. cit.*, p.49

terra ou se dedicavam a cantar ladaínhas ou, com um fervor zeloso, se punham a apoquentar os moribundos com cerimónias religiosas; sempre que a terra tremia, todos de joelhos exclamavam Misericórdia! Nas mais pungentes vozearias possíveis.” As palavras são de Thomas Chase, inglês protestante, que em breve iria recear tanto fervor religioso⁶⁵.

A certeza de que Lisboa enfrentava a Ira Divina não era, todavia, apenas dos habitantes e religiosos comuns. Apesar de não o fazerem na praça pública, certo é que tanto o Rei como a Santa Sé e o próprio Papa, também alinharam nessa justificação nas missivas trocadas entre si. A 25 de Dezembro, a Secretaria de Estado diz ao Núncio que os “*temíveis sinais da Ira Divina*” que Lisboa sentia exigiam “*para fazer cair da mão indignada do Senhor os raios dos seus flagelos (...) preces públicas e Actos Públicos de Penitência muito oportunamente sugeridos*⁶⁶”. O mesmo remetente, já em Janeiro e confrontado com as réplicas que se continuavam a sentir, admite que tais eram um sinal de que “*a Divina Justiça, ainda não satisfeita com os primeiros flagelos desencadeados sobre essa Cidade, a tenha de novo visitado com outros graves abalos*⁶⁷”. Numa escala diferente, mas também relevante, é a posição perante o desastre assumida pelo Bispo do Algarve, região que também sofreu com o 1 de Novembro. Na relação do terramoto enviada a Roma, em Abril de 1756, D. Lourenço salienta que ordenou “*muitas procissões propiciatórias em honra de Deus, ofendido connosco por causa dos nossos pecados e que (embora aquém do que era justo) nos pune*⁶⁸”.

A generalização da ideia da Ira Divina ganhou espaço porque não só era algo que muitos viam como possível, bombardeados quase diariamente com notícias sobre intervenções deste género até em assuntos mundanos, mas também porque era igualmente propagada por figuras de relevo na época. O caso mais imediato é o do Padre Gabriele Malagrida, jesuíta italiano, que realizou vários sermões nas semanas e meses seguintes ao desastre a culpar os lisboetas pela desgraça. Acabou por passar da fala à escrita, deixando para a posteridade o livro *Juizo da Verdadeira Causa do Terremoto*, que na altura, em 1756, até foi aprovado pela censura. “*Sabe pois, oh Lisboa, que os unicos destruidores de tantas casas, e Palácios, os assoladores de tantos Templos e Conventos, homicidas de tantos seus habitadores, os incendios devoradores de tantos thesouros, os que a trazem ainda tão inquieta, e forá da na sua natural fiemza, naõ saõ Cometas, naõ saõ Estrellas, naõ saõ contingencias, ou causas naturaes; mas saõ unicamente os nossos intoleraveis peccados*⁶⁹. ”

Um dado curioso e irónico perante toda esta argumentação evocatória de um castigo Divino aplicado a Lisboa, e que terá seguramente perturbado os mais devotos, está no contraste entre a destruição das igrejas e da maioria dos crentes aí presentes à hora do sismo, e o facto da rua dos bórdeis da capital ter ficado completamente incólume. Este dado, na linha de argumentos de 1755, obriga a uma pergunta: se foi um castigo Divino, então o pecado estava sobretudo nas igrejas? Os protestantes, como já veremos, diriam imediatamente que sim.

Malagrida, que como pecados cometidos pelos lisboetas apontava por exemplo os bilhetinhos amorosos trocados em plena igreja, acabaria por ser a última vítima mortal da Inquisição

⁶⁵ Rui Tavares, *op. cit.*, p.111

⁶⁶ Pinto Cardoso, *op. cit.*, p.103

⁶⁷ *Idem, ibidem*, p.111

⁶⁸ *Idem, ibidem*, p.146

⁶⁹ Rui Tavares, *op. cit.*, p.142

portuguesa em 1761, então acusado pelo Marquês de Pombal de participar junto com os Távora no atentado contra a vida do Rei. A seu lado a efígie de Francisco Xavier de Oliveira, ou Cavaleiro de Oliveira dado o seu título da Ordem de Cristo, então já há mais de 15 anos a viver em Londres período durante o qual se converteu ao protestantismo. Por esta razão foi condenado *in absentia* a ser queimado no mesmo auto-de-fé que estrangulou e queimou Malagrida. É através deste emigrante que passamos a olhar para as culpas vistas por outras crenças, Cortes e alianças.

4.1) O olhar protestante e a *real politik*.

O aumento do fervor religioso graças ao terramoto levou também à procura de outro tipo de culpas e culpados. Em 1755, quando soube do terramoto, Cavaleiro de Oliveira, crente da superioridade do protestantismo, entendeu que a culpa só podia ser do tipo de culto praticado pelo cristianismo católico e que era seu dever explicá-lo a D. José I. “*O culto que em Portugal se presta às imagens dos santos, em nada difere daquele que os pagãos ofereciam aos seus ídolos. Esses nunca foram mais idólatras do que os portugueses o são hoje ainda (...). Os portugueses, alimentados no conhecimento de um único Deus imortal e eterno, e na posse da Palavra do mesmo Deus desde há vários séculos, não obstante esqueceram-se do seu Criador, desprezaram e resignaram mesmo ao seu Redentor. Revoltados, numa palavra, contra o Eterno, todo o culto que lhe devem não o prestam senão a vãs imagens*⁷⁰”. O pecado era a adoração dada às imagens e às representações mais do que à mensagem. A superstição e idolatria, além da Inquisição clara, sempre foram as maiores críticas apresentadas pelos Protestantes aos Católicos. A “*influência perniciosa da superstição, em larga medida associada à Inquisição e, mais genericamente, ao catolicismo*⁷¹” sempre foi apontado pelos protestantes como a razão para algum atraso e/ou decadência dos reinos católicos.

Thomas Chase, protestante que deixámos há pouco no meio do fervor religioso lisboeta, temeu pela sua vida ao ver-se rodeado por católicos e pelo crescente sentimento de desconfiança entre estes e protestantes. Ainda a lutar pela sobrevivência nos dias seguintes ao terramoto, e depois de saber que uma multidão já tinha baptizado à força um pastor anglicano, Chase começou a temer que descobrissem a sua condição: “*Tinha, pois, medo de que a minha condição pudesse excitar-lhes a piedade, numa altura destas, em que não há governo, era fácil imaginar que volta poderia levar o zelo religioso deles contra aquele pior dos criminosos, um Herege! E com isto eu temia a aproximação de toda e qualquer pessoa*⁷².”

É na Inquisição que encontramos outra das razões apontadas desde Inglaterra para o terramoto de Lisboa: “*Is there indeed a God that judges the World? And is he now making Inquisition for Blood? If so, it is not surprising, he should begin there, where so much Blood has been poured on the Ground like Water. Where so many brave Men have been murdered, in the most base and cowardly, as well as barbarous manner, almost every Day, as well as every Night*⁷³. ” John Wesley, fundador do Metodismo, vê no terramoto de Lisboa uma espécie de Inquisição divina contra a Inquisição terrestre. A mesma ideia, mas ainda mais inflamada, é reiterada no *An Address to the Inhabitants of Great-Britain*, em 1756. O castigo sobre os

⁷⁰ Rui Tavares, *op. cit.*, p. 169

⁷¹ RAMOS, Rui (coord.), *História de Portugal*, Lisboa, Esfera dos Livros, Novembro 2009, p.358

⁷² Rui Tavares, *op. cit.*, p.112

⁷³ TÉLLEZ ALARCIA, Diego, *El Impacto del terremoto de Lisboa en España*, Testemunhos, in Ana Cristina Araújo et al (org.), *op. cit.*, p. 86

lisboetas deve-se à “*bigotry and superstition, cruelty and blood-thirstiness*” dos portugueses, onde “*number of virgins have been sacrificed to the brutal Lusts of those wretched Monster, the Inquisitors, where every Inhumanity has been exercised, and very diabolical Art used to strike a terror into every breast (...). No wonder that Lisbon is fallen. God has justly made it like Sodom and Gomorrah.*” O dedo é claramente apontado à Inquisição e a todos os responsáveis da hierarquia católica. Aparentemente, aos críticos protestantes não chegou a ironia da rua dos bárdeis ter ficado sem danos ao contrário das igrejas, caso contrário veríamos este facto a reforçar a culpa da Inquisição.

Também de França surgiram duras críticas à Inquisição associando-a ao terramoto, não tanto como causadora da tragédia, mas por ser vista como solução para todos os problemas, incluindo terramotos. “*Depois do terramoto que destruíra três quartos de Lisboa, os sábios do país não acharam meio mais eficaz de prevenir uma ruína total do que oferecer ao povo um belo Auto-da-fé; foi decidido pela Universidade de Coimbra que o espectáculo de algumas pessoas queimadas em fogo brando, numa grande cerimónia, é um segredo infalível para impedir a terra de tremer*⁷⁴”, ironiza Voltaire em *Cândido, ou o Optimismo*, de 1758.

É agora importante reter que estamos na véspera da Guerra dos Sete Anos⁷⁵ e que apesar de todo o rol de críticas dos protestantes⁷⁶, portugueses e ingleses estavam ligados por uma aliança desde o tratado de Methuen, de 1703, que durante todo o século mostrou-se sólida. Estando na véspera daquele conflito, não havia posição que fosse assumida sem um pensamento estratégico anterior, daí a Inquisição Espanhola passar ao lado das críticas que chegavam de Londres: Os ingleses não tinham qualquer interesse em hostilizar Madrid, ainda neutral, mas sim em desprestigar a frente Papista liderada pelos franceses. Portugal viu-se reduzido a uma peça de xadrez e os franceses não demoraram a ripostar pela mão de Ange Goudar, pre-fisiocrata: “*L'Angleterre était prêt à dominer l'Europe lorsque le tremblement de terre du Portugal est venu mettre un coup d'arrêt à ses ambitions*⁷⁷”. Este autor culparia a desgraça portuguesa no seu tratado com os protestantes, e de França virão ainda justificações do terramoto pelo simples facto de Portugal ser dos poucos países onde os Jesuítas eram (ainda) bem-vindos.

O ataque à tolerância portuguesa não era uma novidade no rescaldo de um terramoto. Já em Janeiro de 1531 a cidade foi castigada por um terramoto de grandes dimensões, cabendo então o bode expiatório aos pecados dos lisboetas, aos judeus e cristãos-novos e à sua aceitação por Portugal. Na altura, coube a Gil Vicente responder, aconselhando os clérigos a focarem os sermões num Deus mais misericordioso que vingador, pedindo não só o fim do atirar de culpas para os pecados mas também para os cristãos-novos. “*Parece mais justa virtude aos servos de Deus e seus pregadores animar a estes [estrangeiros, cristãos-novos] e confessá-los e provocá-los, que escandalizá-los e corrê-los, para contentar a opinião desvairada do*

⁷⁴ VOLTAIRE, *Cândido ou O Optimismo*, Lisboa, Tinta da China, 2006, p.31

⁷⁵ A Guerra dos Sete Anos eclodiu em 1756, opondo França, Áustria e Rússia, por um lado, e Inglaterra e a Prússia do outro. Alcançaria a Península Ibérica também, com os espanhóis a favorecerem uma aproximação a França com a subida de Carlos III, depois da neutralidade assumida por Fernando VI. Já Portugal, depois de recusar fechar os portos aos ingleses, foi atacado por espanhóis e franceses a partir de 1762 – invasão justificada em Espanha pelo facto dos portugueses estarem a ser escravizados pelos ingleses sem se aperceberem.

⁷⁶ É também engraçado notar nesta questão de catolicismo vs. protestantismo que nos dias seguintes ao terramoto, os embaixadores dos diferentes credos se ajudaram entre si: a família do Embaixador de Espanha ficou numa vila do Cônsul de França, enquanto o Sr. Enviado de Inglaterra recebeu junto de si o Ministro da Holanda, segundo nos relata o Núncio Apostólico em Pinto Cardoso, *op. cit.*, p.32

⁷⁷ Téllez Alarcia, *op. cit.*, p.88

vulgo” escreveu Gil Vicente, a lembrar que “à primeira pregação [sobre o sismo de 1531], os cristãos novos desapareceram e andavam morrendo de temor da gente⁷⁸”.

4.2) A República das Letras e o optimismo.

O Cândido, obra literária de Voltaire, encaixou-se numa argumentação mais ampla do ensaísta francês sobre as causas do terramoto de Lisboa onde procurou ridicularizar aquilo a que chamou de filosofia do “*tudo está bem*”, que defendia que Deus queria o bem dos crentes mesmo quando lhes fazia mal. Esta é uma posição que, em privado, tanto o Papa como D. José I partilhavam parcialmente na sua análise às causas do terramoto de 1755.

Bento XIV, numa breve de Dezembro de 1755 dirigida ao Rei de Portugal, alinha logo por esta ideia: “*Entre tantos sinais da ira divina vemos um grande sinal da divina misericórdia: tendo visto pelas cartas preservada a Pessoa de Vossa Majestade, todas as outras da Família Real, a do Cardeal Patriarca (...) não deixaremos de dar graças ao Altíssimo pela referida misericórdia e de vivamente O suplicar de suspender os ulteriores flagelos, que porventura os pecados dos homens mereceriam*⁷⁹. ” Na resposta, D. José I admite: “*Reconheci porem sempre com tudo que a Mizericordia Divina foi muito maior do que a Justiça em hum acontecimento tão funesto*⁸⁰. ” As autoridades máximas da Igreja e de Portugal preferiam ver o lado positivo de Deus, sem deixar de acreditar que o terramoto ocorreu por sua decisão.

Esta lógica “podia ter sido pior e como não foi vamos agradecer a Deus” é uma linha interpretativa parecida à que Voltaire irá atacar sem meias medidas. A mira do filósofo não visa nem o Papa nem o Rei português, mas sim os congéneres iluminados da sua época, da chamada República das Letras⁸¹, que defendiam a providência, mesmo que esta provocasse o mal de poucos como preço a pagar pelo bem de muitos. No fundo, estes intelectuais, a maioria deles crentes, procuravam responder à questão de como um Deus misericordioso era capaz de provocar tragédias de elevada mortandade, como o terramoto de Lisboa – desastre que também abalou as convicções de um jovem de seis anos em 1755, chamado Goethe.

Alexander Pope e Gottfried Leibniz eram as principais caras por este optimismo da providência: defendiam que Deus criou o melhor dos mundos possíveis e que nem sempre era possível oferecer o bem de forma generalizada e que este “melhor dos mundos possíveis”, na perspectiva Divina, podia resultar em sofrimento quando visto do insignificante ponto de vista humano, posição a que Voltaire chamou de filosofia do “*tudo está bem*”.

“*O axioma ‘tudo está bem’ parece um pouco estranho àqueles que são testemunhas desses desastres. Sem dúvida, tudo é concertado, tudo é ordenado pela Providência: mas é por demais evidente que tudo, de há muito, não é concertado para o nosso bem-estar presente*⁸². ” A primeira resposta de Voltaire surgiu no *Poème sur le Désastre de Lisbonne*, publicado em 1756. Neste poema, o filósofo ataca duas posições sobre o terramoto de 1755, não só a posição dos seus pares das Letras com alvos bem definidos, mas também toda a retórica que justificava o terramoto com os pecados dos lisboetas. A começar pelos primeiros.

⁷⁸ Rui Tavares, *op. cit.*, p.205

⁷⁹ Pinto Cardoso, *op. cit.*, p. 122-3

⁸⁰ *Idem, ibidem*, p.124

⁸¹ Homens letRADOS, filóSOFOS e INTELECTUAIS curiosos da época, com várias divergências ideológicas e religiosas.

⁸² VOLTAIRE, *Poème sur le Désastre de Lisbonne*, Vasco Graça Moura (trad.), Lisboa, Aletheia, 2005, p.23

Voltaire viu no terramoto de Lisboa a oportunidade de dizer aos seus leitores que a ideia que a “*Providência cuidava deles em particular, ou, segundo a versão em voga, que lhes queria o bem mesmo quando lhes fazia mal*⁸³” estava errada. A forma como o diz, não podia ser mais explícita: “*Se um homem devorado por animais ferozes contribui para a ordem do mundo, se as desgraças de todos os particulares não são mais do que a continuidade dessa ordem geral e necessária, nós não passamos então de engrenagens que fazem funcionar a grande máquina; não somos mais preciosos aos olhos de Deus do que os animais que nos devoraram*⁸⁴. ” As ideias de “melhor dos mundos possíveis”, ou do “tudo está bem”, são as principais visadas. E diz o filósofo:

*Que ventura! Ó mortal, que és fraco e miserável!
Gritais: ‘Tudo está bem’ e a voz é lamentável,
o mundo vos desmente e vosso coração
cem vezes vos refuta a errada concepção.
Humanos, animais, elementos em guerra.
Preciso é confessar que o mal está na terra:
seu princípio secreto é-nos desconhecido.
Do autor de todo o bem o mal terá saído?
Pois o negro Tifão, o bárbaro Arimano,
nos forçam a sofrer por seu mando tirano?
Meu espírito não crê em monstros odiosos
de que o mundo a tremer fez deuses poderosos.
Mas como conceber, só de bondade, um Deus
que os bens prodigaliza aos caros filhos seus
e neles derramou só males às mãos cheias?*⁸⁵

Voltaire termina o seu poema com a correcção que sugere para o axioma que critica: “‘Bem será tudo um dia’, é essa a nossa esperança; ‘hoje tudo está bem’, é essa a ilusão⁸⁶. ” Para Vasco Graça Moura, Voltaire “em vez de atacar racionalmente a Providência, ataca o optimismo enquanto sistema filosófico, remetendo-se a um deísmo prudente, ao mesmo tempo que constata a presença do mal na terra, e propõe, a concluir, que se tenha esperança⁸⁷. ”

A posição de Voltaire seria aprofundada em 1758 na tragicomédia *Cândido, ou o Optimismo*. Nesta obra, o autor recorre a duas personagens, Cândido e Pangloss, presentes em Lisboa na hora do terramoto e que, de forma resumida, passam a vida a ser espancados, mal-tratados, roubados e até assassinados, com Pangloss a repetir insistentemente a cada nova desgraça que “*tudo está bem no melhor dos mundos possíveis*”. Ainda na cidade nos dias seguintes ao terramoto, as personagens cruzam-se com um marinheiro, que se vai dedicando a saquear casas e violar mulheres, e que acaba por ter um destino bem melhor que os crentes Cândido e Pangloss, que são até condenados a um Auto-de-fé. Neste livro, Voltaire recorre à ironia e ao sarcasmo para destruir a ideia de providência.

⁸³ Rui Tavares, *op. cit.*, p.159

⁸⁴ Voltaire, *Poème*, p.27

⁸⁵ *Idem, ibidem*, p.43

⁸⁶ *Idem, ibidem*, p.51

⁸⁷ *Idem, ibidem*, p.12

A propagação das ideias do ensaísta francês no seio da República das Letras levantou polémica, sobretudo dada a violência com que Voltaire ataca a ideia de que a providência olhava pelos crentes. Rousseau foi quem mais contestou a posição de Voltaire, não tanto por discordar mas sobretudo por não a conseguir aceitar. É que se o ensaísta tivesse razão, a descrença e o desânimo tomariam conta dos povos. “*Que me diz agora o vosso poema? ‘Sofre para sempre, infeliz. Se foi um Deus que te criou ele é sem dúvida todo-poderoso; ele podia prevenir todos os teus males; então nunca esperes que eles tenham fim; pois não se poderia ver por que existes tu, a não ser para sofrer e morrer*⁸⁸. ” Rousseau não queria um mundo sem esperança, admitindo mesmo que tendo que escolher entre dois erros, o optimismo ou a fatalidade, “*gosto ainda mais do primeiro*”, já que o segundo é “*mais cruel ainda*⁸⁹”. Anos mais tarde, Rousseau revelaria um outro entendimento sobre as palavras de Voltaire: “*Voltaire, parecendo sempre acreditar em Deus, realmente nunca acreditou senão no Diabo; já que o seu pretenso Deus não passa de um malfeitor que, segundo ele, não tem outro prazer senão o de prejudicar*⁹⁰. ”

A aparente arbitrariedade Divina teve impactos profundos também em Goethe, com seis anos em 1755 mas que, mais tarde, cerca de 50 anos depois, escreveu que foi o terramoto daquele ano que lhe fez perder a noção de um Deus protector: “*O rapazinho, que ouvia toda a gente falar sobre o acontecimento, estava profundamente impressionado. Deus, o criador e preservador do céu e da terra, Deus, de que se diz ser omnisciente e misericordioso, tinha-se mostrado um mau pai, pois tinha atacado de igual forma os justos e os injustos. Tentava em vão a jovem mente combater esta ideia; mas estava claro que mesmo os teólogos mais eruditos não conseguiam pôr-se de acordo sobre a forma de explicar tal desastre.*⁹¹”

Nos seus escritos, Voltaire respondeu também por diversas vezes a todos aqueles que viram no terramoto de Lisboa um Castigo Divino. Dos vários exemplos possíveis, retemos este: “*As crianças que crime ou falta terão, qual?; esmagadas sangrando em seio maternal?; Lisboa, que se foi, pois mais vícios a afogam; que a Londres ou Paris, que nas delícias vogam?; Lisboa é destruída e dança-se em Paris. Tranquilos a assistir, espíritos viris*⁹²” Que pecados teriam cometido os lisboetas que parisienses ou londrinos não tivessem? De forma indirecta, esta é uma forma de dizer que Deus não é o responsável ou o culpado pelo terramoto, muito menos que o ordenou para castigar homens e mulheres que vivem no seu pequeno mundo. Ou, e nos termos de José Cevallos, autor espanhol do Séc. XVIII: “*Sentado esto digo: que los Terremotos no son siempre producidos por una especial Providencia de Dios para castigar los pecados, no son siempre pronosticos y señales morales de la ira de Dios, y no son siempre indices de que ai terremotos por los pecados que hai en los pueblos donde se experimentan; y que el Terremoto del primero de Noviembre de 1755 observado en sus causas, origen, progreso y estragos, repeticiones y meteoros que se han visto, fue enteramente natural, no causado por una especial providencia de Dios para castigar los pecados de los Espanoles y para significar la ira que tenía con ellos*⁹³.”

⁸⁸ Rui Tavares, *op. cit.*, p.159

⁸⁹ *Idem, ibidem*, p.160

⁹⁰ *Idem, ibidem*, p.165

⁹¹ *Idem, ibidem*, p.182

⁹² Voltaire, *Poème*, p.37

⁹³ González Lopo, *op. cit.*, p.107

5) Conclusão

O desconhecimento das razões que levam à ocorrência de um terramoto, conjugado com um fervor religioso bem mais apurado que actualmente, abriu o espaço para as populações interpretarem o desastre de 1 de Novembro como sinal da Ira Divina, sentimento incendiado por várias figuras eclesiásticas que as pessoas sempre aprenderam a respeitar e cujos ensinamentos eram recomendados a seguir. Porém, é notório que havia já uma franja na República das Letras que desejava ir mais longe na descoberta da explicação natural destes fenómenos tão recorrentes.

“Y el concepto que se ha formado de la causa y origen de este Gran Temblor y más de los que le subcedieron, según concepturas físicas y naturales, solo se puede atribuir a la gran sequia de estos tres años pasados, por la qual dilatada las cavernas subterráneas y abriendo muchas grietas en ellas por falta desta humedad y temperamento, por cuia falta se deja percibir haverse originado muchos mas bapores mas sequos e inflamables, y así los fuegos subterraneos se encendieron súbitamente y dilataron com grandisima vemencia los vapores y el aire contenido en dichas cavernas, cuio rapido y violento mobimiento fue sin duda la causa de la concusión, y esto se comprueba de que en la caldas y aguas minerales reventó mucha más copia de ellas y más ardientes y reaparecieron otras nuebas⁹⁴. ” Gregorio de Losada, juiz ordinário de Vilariño de Campo, tentou desta forma avançar com uma explicação natural para a ocorrência de terramotos, atribuindo o de Lisboa aos três anos de seca que se fizeram sentir antes de 1755 em parte da Península Ibérica. Losada estava em linha com o seu conterrâneo, Benito Feijoo, filósofo galego, que apostava antes na diferença de electricidade entre placas minerais para o aparecimento de um terramoto. Também Immanuel Kant avançaria igualmente com uma explicação natural para a ocorrência, associada igualmente à acção de gases. Mais do que a aproximação às razões porque ocorrem terramotos, o relevante em todas estas teorias “é antes a ideia de que a explicação tinha de ser natural⁹⁵”.

Este era, no entanto, uma ideia que tinha um caminho longo para percorrer, sobretudo em Portugal, onde Teodoro de Almeida, filósofo, admitia logo após o terramoto que “o solo, ou terreno de Lisboa não é uma peça fixa, ou inteiriça”, sendo antes formada por muitas rochas encadeadas. “E eis-aqui como as pedras de cantaria nos degráos das escadas, e vergas das portas podiaõ estalar; porque em quanto huma parta estava em sima, e entalada, a outra ficava em falso, e estalava”, explicou então. O mesmo autor percebeu no imediato o porquê dos maremotos após os sismos: “Nós sabemos, que as oscillações dos Pendulos, quando cahem, e sobem, gastão certo tempo desde que começaõ a descer, e acabaõ de subir, sendo o tempo de toda a oscillaçaõ proporcionado à altura, a que o Pendulo subio. Ora isto mesmo he o que se observou na invasaõ do mar, que tardou coisa de meia hora depois de cada tremor, tempo preciso para as agoas irem, e voltarem, por fica já o terreno no seu lugar antigo; como sucede quando inclinamos huma bacia com agoa, e levantamos de hum lado, e depois a deixamos assentar, como estava⁹⁶. ” A perspicácia deste entendimento, contudo, não encontrou grandes adeptos no país. Apesar da boa aceitação nos círculos internacionais da sua

⁹⁴ Idem, ibidem, p.107

⁹⁵ Rui Tavares, op. cit., p.154

⁹⁶ Citado por RUIVO MARTINS, Décio, *Dissertações físicas sobre o fogo elementar e as causas naturais dos terramotos*, in Ana Cristina Araújo et al (org.), op. cit., p. 33-4

obra, Teodoro de Almeida foi fortemente combatido em Portugal pelos meios mais conservadores, sendo até acusado de heterodoxia pela Companhia de Jesus.

Os fenómenos naturais como os terramotos, provavelmente por influência ainda de Aristóteles, viviam compartimentados na Filosofia Natural, daí tantos pensadores olharem com atenção para o tema, como que tentando servir de ponte para ajudar a teoria dos terramotos a passar do campo sobrenatural para o natural. Porém, séculos de enraizamento religioso, a presença diária de intervenções divinas na vida dos povos e a muita propaganda feita contra muçulmanos, protestantes ou católicos tornavam quase impossível escapar intelectualmente à mão de todos aqueles a quem interessava, por razões religiosas, políticas ou pessoais, atribuir a Deus a responsabilidade pelos desastres. É que apesar de um ou outro baptismo forçado, a Ira Divina, o Fim dos Dias e o Julgamento Final que foram anunciados aquando do terramoto de Lisboa, que se saiba, não levou ninguém a abjurar ou converter-se – pelo menos voluntariamente. E isto verifica-se porque, como já referimos, estes eventos eram usados unicamente para confirmar – e impôr – convicções já existentes, mais do que a criar novas visões isto à excepção, claro está, dos filósofos naturais.

ANEXO – Slides utilizados na apresentação em Aula - pg 25 [biblio30]

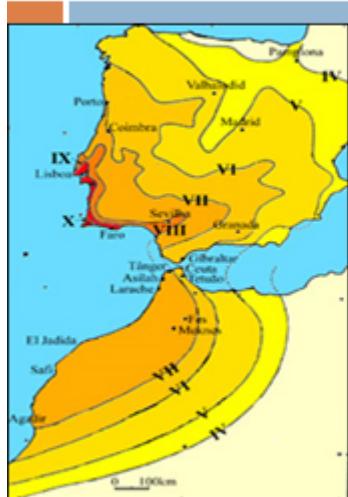
Capa



Filipe Cordoso, nº 48782
História Moderna de Portugal

Slide nº 1

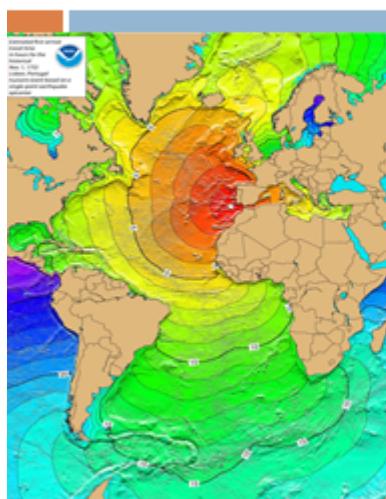
O terramoto



Carta de isosistos de sismo de 1 Nov 1755.
MOREIRA, V. S. "Sismicidade Histórica do Portugal Continental", Revista do INMG, Lisboa.

- Terramoto de 8.7 na escala de Richter, ficou conhecido como “de Lisboa” porque foi nesta cidade que fez mais vítimas
- Também provocou estragos noutras cidades portuguesas, em Espanha e Norte de África, especialmente por causa do maremoto
- Se em Lisboa se contabilizaram perto de 10 mil mortos, em Setúbal terão chegado a um milhar. Lagos, Portimão e Faro também foram bastante castigadas pelo desastre
- O nível de destruição em Lisboa veio da união dos quatro elementos contra a cidade: a terra tremeu, a água invadiu e o vento levantou a tempo de propagar um enorme incêndio que ardeu durante uma semana

O maremoto



Alcance e intensidade do maremoto - 1755
NOAA's National Geophysical Data Center,
https://www.ngdc.noaa.gov/hazard/icons/1755_1101.jpg

"A terra, como que saciada e tornando ao seu equilíbrio ordinário, deixava apenas acalmar-se o terror em que tudo tinha mergulhado, quando o mar, por um refluxo contra o seu curso ordinário, vem oferecer uma segunda morte mais terrível e mais geral do que a primeira (...) por três vezes, o mar com uma rapidez incrível, ultrapassou os seus limites (...) quantos infelizes dispersos e surpreendidos na margem, onde eles tinham vindo procurar um asilo contra a morte que os tinha pouparado um momento antes; quantos corpos flutuando entre os restos dos navios e de pranchas de madeira, que o mar arrasta."

Abade francês, não identificado. 9 de Dez. 1755

Os relatos

"Em suma, tudo é horror e misérias, e Lisboa é um monte de pedras. Agora chega o fogo à minha casa; todas as casas que tinham ficado ilhas das ruínas vão-se incendiando. Estou cheio de confusão e de dor"

Núncio Filippo Acciavoli, 4 de Nov. 1755

"Vimos Lisboa, Nova Atenas onde floresciam as ciências e artes filhas da abundância, da riqueza e da quietoção, tornar-se em breves instantes numa aldeia desfeita. Os mais altos edifícios prostrados por terra, as ruas semeadas de mortos, de feridos e agonizantes"

Miguel Tibério Pedegache

"Não passava um minuto e vi a minha mulher e filha serem enterradas vivas pela derrocada do prédio"

Comerciante inglês em Lisboa

"Tinha ido eu à missa à igreja do Carmo, cujo tecto era de abóbada de pedra, e derrubado matou muito para que ali se achava, de cujo perigo escapei por ter ido mais cedo, e me achar na dita hora nas águas furtadas das minhas casas"

Jácome Raton



Área consumida pelos incêndios na primeira semana de Novembro de 1755
In: TAVARES, Rui, O pequeno livro da Grande Terremoto, Lisboa, Tinta da China, 2009

Acções imediatas



"Numa das naves, foi ordenado meter tantos cadáveres quantos pudesse conter e conduzi-la ao mar e fazê-la afundar, sendo quase impossível sepultar todos os cadáveres, antes que pudesse infecionar a área"

"Nos três dias seguintes, a pobre gente não encontrava um pedaço de pão para viver, pelo que Sua Majestade ordenou sob pena capital de não se venderem os comestíveis a preço mais caro do que o habitual"

Relato espanhol, autor não identificado. 29 de Nov. 1755

"Os ladrões causaram grandíssimo dano e foram justiçados nove ou 10, tendo deixado as cabeças nas forcas em vários lugares"

Núncio Filippo Acciavoli. 18 de Nov. 1755

"Entretanto agora constrói-se num plano grande por cima do Palácio de Belém uma barraca de madeira que será de 7 em 800 passos para serviço e habitação de toda a Corte"

Núncio Filippo Acciavoli. 30 de Dez. 1755

"De facto, pode dizer-se reduzida a uma cidade de madeira, nos campos superiores e na longa estrada que leva a Belém."

Núncio Filippo Acciavoli. 17 de Fev. 1756

Detalhe da gravura alemã "Ruínas de Lisboa", Museu da Cidade de Lisboa

Ajuda internacional



Hamburgo — Chegam a Lisboa em Janeiro quatro navios com madeira, farinha, biscoitos, enchidos e carnes

Livorno — Em Fevereiro chegam duas naves com tábuas, tijolos e outros géneros, "muito necessários nesta desolada cidade"

Inglaterra — Dos comboios navais, em Dezembro e Março, com géneros e ferramentas. Enviado de Londres vem à cidade "para vir condonar-se com o Rei e oferecer-lhe toda a ajuda, que o segundo concedeu até um milhão de libras"

Espanha — Graças "à clemência do nosso Monarca Católico expediu imediatamente àquele Fidelíssimo Rei somas consideráveis de dinheiro, tendo dado ordens rigorosas para que às cidades e terras dos confins sejam levados comestíveis"

Madrid mandou não cobrar taxas alfandegárias em "todos los géneros y frutos que necesitare y se condujeren por los vasallos de ambas Coronas". O apoio foi favorecido "por los altos precios que estaban dispuestos a pagar los portugueses"

"Aardbeving te Lissabon den Jaare 1755", Museu da Cidade de Lisboa
R. Vinkers e F. Bohn

Desastres, religião e dies irae



"O Padre Malagrida Pregando logo depois do Terramoto", gravura do Séc. XIX.
Autor desconhecido

Razões apontadas para os terramotos de Londres em 1750:

Evangelho rejeitado; Publicados livros a ridicularizar as verdades da religião; Uso de linguagem blasfema nas ruas; Tolerância perante homossexualidade; Demasiados divertimentos: Num só jornal surgiam mais de quinze anúncios a peças de teatro, lutas de galo... e isto na Quaresma

Thomas Kendrick

Razões apontadas para o terramoto de Lisboa em 1755:

"A população estava convencida de que aquele era o Juízo Final"

"Não estou contente com a imprudência de muitos sacerdotes frenéticos, seculares e regulares, que têm pregado com terrores e erros (...). Dizem coisas contrárias à letra do Evangelho e metiam medo nas pessoas simples"

Nuno Filippo Acciavoli

"Os únicos destruidores de tantas casas e Palácios, os assoladores de tantos Templos e Conventos, homicidas de tantos seus habitadores (...), não são Cometas, não são Estrelas, não são configurações ou causas naturais; mas são unicamente os nossos intoleráveis peccados"

Padre Malagrida

Os "femíveis sinais da Ira Divina" que Lisboa sentia exigiam "para fazer cair da mão indignada do Senhor os raios dos seus flagelos (...) preces públicas e Actos Públicos de Penitência muito oportunamente sugeridos"

Secretaria de Estado da Santa Sé

Católicos Vs. Protestantes

"A number of virgins have been sacrificed to the brutal Lusts of those wretched Monsters, the Inquisitors, where every Inhumanity has been exercised, and very diabolical Art used to strike a terror into every breast (...). No wonder that Lisbon is fallen. God has justly made it like Sodom and Gomorrah"

"An address to the inhabitants of Great-Britain; Occasioned by the earthquake of Lisbon"

"Os portugueses, alimentados no conhecimento de um único Deus imortal e eterno, e na posse da Palavra do mesmo Deus desde há vários séculos, não obstante esqueceram-se do seu Criador, desprezaram e resignaram mesmo ao seu Redentor. Revoltados, numa palavra, contra o Eterno, todo o culto que lhe devem não o prestam senão a vãs imagens"

Francisco Xavier de Oliveira

"Tinha, pois, medo de que a minha condição pudesse excitar-lhes a piedade, numa altura destas, em que não há governo, era fácil imaginar que volta poderia levar o zelo religioso deles contra aquele pior dos criminosos, um Heregel E com isto eu temia a aproximação de qualquer pessoa"

Thomas Chase

"L'Angleterre était prêt à dominer l'Europe lorsque le tremblement de terre du Portugal est venu mettre un coup d'arrêt à ses ambitions"

Goudar

"Parece mais justa virtude aos servos de Deus e seus pregadores animar a estes [estrangeiros, cristãos-novos] e confessá-los e provocá-los, que escandalizá-los e corrê-los, para contentar a opinião desavizada do vulgo (...). À primeira pregação [sobre sismo de 1531], os cristãos-novos desapareceram e andavam morrendo de temor da gente."

Gil Vicente

Literatura: a resposta à Fé



Auto-da-fé do Pa. Malagrida e do ofício de Xavier do Oliveira, no Terreiro do Paço
Autor desconhecido

"Depois do terramoto, os sábios do país não acharam meio mais eficaz de prevenir uma ruína da que oferecer ao povo um belo Auto-da-fé"

"Se um homem devorado por animais ferazes contribui para a ordem do mundo, se as desgraças de todos os particulares não são mais do que a continuidade dessa ordem geral e necessária, nós não passamos então de engrenagens que fazem funcionar a grande máquina; não somos mais preciosos aos olhos de Deus do que os animais que nos devoram"

"As crianças que crime ou falta terão, qual^e;
esmagadas sangrando em seio maternal^e;
Lisboa, que se foi, pois mais vísceras a afogam;
que a Londres ou Paris, que nas delícias vogam^e;
Lisboa é destruída e dança-se em Paris.
Tranquilo a assistir, espíritos viris

Voltaire

"O rapazinho, que ouvia toda a gente falar sobre o acontecimento, estava profundamente impressionado. Deus, o criador e preservador do céu e da terra, Deus, de que se diz ser omnisciente e misericordioso, tinha-se mostrado um mau pai, pois tinha atacado de igual forma os justos e os injustos"

Goethe

Explicações científicas

"El Terremoto del primero de Noviembre de 1755 observado en sus causas, origen, progreso y estragos, repeticiones y mefetoras que se han visto, fue enferamente natural, no causado por una especial providencia de Dios"

José Cevallos

"Solo se puede atribuir a la gran sequía de estos tres años pasados, por la qual dilatada las cavernas subterráneas y abriendo muchas grietas en ellas por falta de la humedad y temperatura, por cuya falta se dejó percibir haverse originado muchos mas vapores mas secos y inflamables, y así los fuegos subterraneos se encendieron súbitamente y dilataron con grandísima vencencia los vapores y el aire contenido en dichas cavernas, cuyo rápido y violento movimiento fue sin duda la causa de la concusión"

Gregorio de Losada

"O solo, ou terreno de Lisboa não é uma peça fixa, ou inteiriça. E eis-aqui como as pedras de cantaria nos degraus das escadas, e vergas das portas podião estalar; porque em quanto huma parte estava em sima, e entalada, a outra ficava em falso, e estalava"

"Nós sabemos, que as oscilações dos Pendulos, quando cahem, e sobem, gastão certo tempo desde que começoão a descer, e acabaõ de subir, sendo o tempo de toda a oscillação proporcionado à altura, a que o Pendulo subio. Ora isto mesmo he o que se observou na invasão do mar, que tardou coisa de meia hora depois de cada tremor, tempo preciso para as aguas irem, e voltarem, por ficar já o terreno no seu lugar antigo; como sucede quando inclinamos huma bacia com agua, e levantamos de hum lado, e depois a deixamos assentar, como estava"

Teodoro de Almeida

Lista Bibliográfica

1. Bibliografia Geral

1.1. Fontes

Memórias de uma cidade destruída – Testemunhos das Igrejas da Baixa-Chiado, D. Manuel Clemente (prefácio), Lisboa, Aletheia, 2005

PINTO CARDOSO, Arnaldo, *O terrível terramoto da cidade que foi Lisboa – Correspondência do Núncio Filippo Acciaiuoli*, Lisboa, Aletheia, 2005

RATTON, Jâcome, *Recordações de Jacome Ratton*, exemplar policopiado, disponível em <http://tinyurl.com/meje69e>

VOLTAIRE, *Poème Sur Le Désastre de Lisbonne*, Vasco Graça Moura (trad.), Lisboa, Aletheia, 2005

VOLTAIRE, *Cândido ou O Optimismo*, Rui Tavares (tradução, notas e posfácio), Lisboa, Tinta da China, 2006

1.2. Obras Gerais

MARQUES, A.H. de Oliveira, *História de Portugal, Vol. II – Do Renascimento às Revoluções Liberais*, Lisboa, Editorial Presença, 1998

RAMOS, Rui (coord.), SOUSA, Bernardo Vasconcelos, MONTEIRO, Nuno Gonçalo, *História de Portugal*, Lisboa, Esfera dos Livros, 2009

2. Bibliografia Específica

TAVARES, Rui, *O pequeno livro do Grande Terramoto*, Lisboa, Tinta da China, 2009

ARAÚJO, Ana Cristina, CARDOSO, José Luís, et al. (org.), *O Terramoto de 1755 – Impactos Históricos*, Lisboa, Livros Horizonte, 2007